

EDITORIAL

ALDEIAS REXISTEM

A luta é muito espiritual. Meu tio sempre me falou. Quem mexe com a aldeia se dá mal. Quem chegou em 1500 e iniciou a barbárie? Cabral. Em 2013 quem retirou a aldeia? Sérgio Cabral. Ele foi preso.

Thaiany Guajajara¹

Os índios que agora voltam a ser índios são os índios que reconquistam seu devir-índio, que aceitam redivergir da Maioria, que reaprendem aquilo que já não lhes era mais ensinado por seus ancestrais. Que se lembram do que foi apagado da história, ligando os pontos tenuamente subsistentes na memória familiar, local, coletiva, através de trajetórias novas, preenchendo o rastro em tracejado do passado com uma nova linha cheia.

Eduardo Viveiros de Castro²

A *Revista Tapuia* segue organizando-se como um espaço de divulgação e construção de filosofias contracoloniais e libertárias. Neste momento, em que estamos realizando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) nosso primeiro encontro de auto-formação, lançamos nosso terceiro número, ao mesmo tempo que a *Universidade Pluriétnica Indígena Aldeia Maracanã* sofre mais uma ameaça da remoção pelo estado. Dedicamos esta publicação à luta da aldeia, que segue sendo em ato uma outra forma de vida em meio à urbanidade tóxica. Nestes quase 20 anos de re-existência, a aldeia tem não apenas atuado como laboratório de resistências, mas tem produzido e difundido saberes ancestrais dos povos originários, com cursos de línguas; oficinas de artes indígena; rodas de conversa sobre matriarcado ancestral; medicinas da floresta; contações de histórias; *okanomias*³; indigenizações; etc..., constituindo exemplos e práticas contracoloniais em *maneiras de adiar o fim do mundo*. A aldeia é *devir indígena* na cidade, criando condições de autonomia e *devires-outros*, quebrando o asfalto, destituindo estruturas, estabelecendo outras temporalidades, retomando ancestralidades. Nossa publicação manifesta aqui apoio incondicional à *Aldeia Maracanã*, tudo que ela inspira e à sua cosmovisão, que acreditamos também difundir por meio dos artigos aqui publicados.

1 GUAJAJARA, P.; GUAJAJARA, U.; XAVANTE, J. ; MUNDURUKU, L.; ICÓ, L (Orgs.). *Em nossas artérias nossas raízes*. Rio de Janeiro: Aldeia Maracanã; Cesac; I-Motirô, 2023, p. 79.

2 *Idem*, p.125.

3 Conceito desenvolvido por Ricardo Tupinanbá (aldeia maracanã) enquanto *economia do bem viver*. Os princípios da okanomia são: contribuição-distribuição; trabalho coletivo autônomo e autogerido e desacumulação para o desconsumo.

Neste sentido, nosso número inicia com Bruno Pfeil, em *A Metamorfose como mecanismo de emancipação*, justamente trazendo possibilidades de fugas emancipatórias desta modernidade colonial (capitalista, especista e patriarcal), pelas vias das *metamorfozes e devires-bichos*, que escapam a uma concepção de humanidade oposta à natureza, que apenas se estabelece como universal na medida em que extermina (ou torna exterminável) o que exclui. Seguimos com as análises de Cristiano de Oliveira Gomes, em *E o filósofo viu o urso russo, mas deu de ombros...*, às críticas que o liberal Isaiah Berlin teceu ao anarquista Bakunin no século 19. Ali podemos ver não apenas mais uma vez a atualidade e originalidade da filosofia de Bakunin, mas o que esteve desde sempre envolvido nas *guerras discursivas* que desqualificam e patologizam toda recusa aos governos e aos contratos sociais. Nos voltamos então para o chão da escola, com Rodrigo Pain, em *Avaliação escolar: diálogo entre educação decolonial e Paulo Freire*, que coloca em questão os pressupostos meritocráticos e coloniais dos processos avaliativos, nos apresentando um Paulo Freire decolonial, e mobilizando também o pensamento de Foucault; Jota Mombaça; Aníbal Quijano; Lélia Gonzales... para estabelecer os elementos de uma educação libertária; popular; dialógica e múltipla. E os pressupostos coloniais continuam sendo retirados do âmbito do não-dito por Sérgio Gonçalves em *Hegel e a filosofia colonial da história*, que nos apresenta como o pensamento *hegeliano* se funda em pressupostos coloniais, de tal modo que não seria possível desvincular sua ontologia desses elementos. E, mais uma vez, trata-se aqui de vermos uma noção de humanidade racista e especista, tanto mais tomada como universal quanto mais invisibiliza e torna matável quem exclui como selvagens ou impossíveis. Carlos Coelho nos presenteia então com o ensaio *O materialismo da palavra e o palavrismo da matéria*, sobre *materialisme* linguístico em Lacan e Nancy, que possibilita pensar *singularidades* que não cabem na representação. Assim, esta *outridade* pode ser localizada na constituição mútua palavra-mundo, que desconstrói dualismos ontológicos ocidentais por meio do que o autor denomina *Ontofagia* dos corpos e das coletividades. E, por fim, fechamos este número com a tradução de Cello Pfeil e Bruno Pfeil do artigo *Anarquismo e lei: por uma ética pós-anarquista de desobediência*, de Saul Newman, que nos permite pensar, por um lado, um *comum imanente*, irreduzível ao âmbito legal ou contratual, e, por outro lado, nos fornece os elementos do que denomina *anarquismo ontológico*, por uma ética da contestação contínua.

Desejamos a todes uma leitura insurgente!